

**REGADA CON LA SANGRE DE TANTOS MÁRTIRES:
A FUNDAÇÃO DA ARQUEOLOGIA FRANQUISTA**

Rodrigo Araújo de Lima¹

RESUMO

A Arqueologia que se fez na Espanha, durante o regime Franquista, foi sem dúvida uma Arqueologia enviesada, compelida e sobretudo, cruel. Nesse artigo discutiremos sobre a relação entre o Governo e a Academia no período franquista. Temos como objetivo evidenciar os maus usos da Arqueologia, para tanto abordaremos cinco autores que tiveram importante papel na Arqueologia durante o regime de Franco, são eles: Julio Martínez Santa-Olalla; Martín Almagro Basch; Oswald Meghin; Lluís Pericot e Miguel Tarradell i Mateu do período de 1939-1972, baseado no período de atuação desses pesquisadores. Utilizamos como fontes, obras que dispõem de correspondências, relatos, fotos, revistas e discursos políticos como evidências da intervenção do Estado Franquista nas atividades arqueológicas elencando-as na figura dos pesquisadores supracitados de modo a abranger grande parte do período franquista com alguns de seus principais intelectuais.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Franquista, Espanha, Academia, uso político

ABSTRACT

The Archaeology that was made in Spain, during the Francoist regime, was, without any doubt, a skewed, compelled and, above all, cruel Archaeology. In this article, we will review the relation between the Spanish Government and the Academia during the Franco's era. We aim to present the Archaeology misuse by approaching four authors that had an important role during Franco's regime. They are the followings: Julio Martínez Santa-Olalla; Martín Almagro Basch; Oswald Meghin; Lluís Pericot and Miguel Tarradell i Mateu. From 1939-1972, based on their activities term period. It was use as sources, works with correspondences, reports, pictures, magazines and political speeches as evidence of the Franco State's intervention in archaeological activities, listing them in the figure of the aforementioned researchers in order to cover much of the Francoist period with some of its main intellectuals.

KEYWORDS: Francoist Archaeology, Spain, Academia, political use

RESUMEN

La Arqueología que se hizo en España durante el régimen Franquista, fue sin duda una Arqueología sesgada, compelida y, sobre todo, cruel. En este artículo discutiremos sobre la relación entre el Gobierno y la Academia en el período franquista, con el objetivo de evidenciar los malos usos de la Arqueología. Para tanto abordaremos cuatro autores que tuvieron un importante papel en la Arqueología durante el régimen de Franco, son ellos:

¹ Membro do Labeca (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga) e doutorando em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, orientado pela Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Nicolau Kormikiari (MAE-USP) e pela Prof^a. Dr^a. Tamar Hodos (University of Bristol).

Julio Martínez Santa-Olalla; Martín Almagro Basch; Oswald Meghin; Lluís Pericot y Miguel Tarradell i Mateu. De 1939-1972 basándonos en lo período de actividades de estos investigadores. Fue utilizado como fuentes, trabajos con correspondencias, informes, fotos, revistas y discursos políticos como evidencia de la intervención del Estado de Franco en actividades arqueológicas, enumerándolos en la figura de los investigadores antes mencionados para cubrir gran parte del período franquista con algunos de sus principales intelectuales

PALABRAS-CLAVE: Arqueología Franquista, España, Academia, uso político

UMA BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O USO NACIONALISTA DA ARQUEOLOGIA

“Estados nacionais, ou partidários do mesmo, controlam e alocam os recursos simbólicos como uma forma de legitimar seu poder e autoridade, perseguindo seus objetivos nacionalistas e ideológicos” (FOWLER, 2008, p. 94).

As teorias arqueológicas foram intensamente utilizadas para a manutenção e expansão dos Estados Nacionais. Os antiquários tiveram importante papel no processo de formação da unidade nacional na Escandinávia ainda no século XVI. Os governantes tinham a intenção de reforçar sua autoridade não somente pelo seu direito sanguíneo, mas pela ideia de uma unidade nacional com um governo centralizado. Dessa maneira a patronagem real dada aos antiquários foi um meio muito utilizado pelos governantes. O estudo de Johan Bure sobre as pedras-rúnicas é um reflexo do pensamento da época. Por meio das runas, Bure tinha a intenção de entender a vida dos primeiros medievos suecos a partir dos registros nas inscrições (THOMAS, 2004, p. 107).

A Dinamarca do século XIX também buscou sua identidade na pré-história nacional, buscando sua singularidade como país. Para a exibição dos artefatos pré-históricos no Museu das Antiguidades Nórdicas, o antiquário Christian Jürgensen Thomen elaborou o sistema das Três Idades (Idade da Pedra, Bronze e Ferro), esse que viria a ser um dos fundamentos da Arqueologia Científica (TRIGGER, 2011, p. 71-77).

Por sua vez os antiquários japoneses do século XIX fundaram a Associação de Arqueologia Nacional visando estudar a arqueologia do país com vistas a compreender a história nacional. Os arqueólogos dessa associação promoviam a unidade nacional, a

veneração da figura do imperador – como divindade e líder – e o conceito de família japonesa ideal (TRIGGER, 2011, p. 173).

No mesmo período a América do Norte buscava uma civilização que rivalizasse com as europeias. Os montículos achados pelos pioneiros, que rumavam oeste, foram atribuídos à uma raça branca conhecida como construtores de montículos (*Mound Builders*). Essa cultura foi interpretada como tendo sido exterminada pelos índios. Assim os povos indígenas se tornaram uma ameaça e, dessa maneira, seu extermínio era aceitável. A ideologia do Destino Manifesto colaborou grandemente para o aniquilamento dos nativos norte-americanos (TRIGGER, 2011, p. 101-102).

Como veremos no caso a seguir, o nacionalismo segundo Julian Thomas (2004, p. 108), tem como interesse se legitimar tendo o passado como referência. Esse movimento procura um futuro que envolva um retorno a alguns aspectos do passado.

Na Rússia, gregos expatriados fundaram, em 1814, a sociedade secreta filihelênica *Philiki Etaireia*. Essa que tinha como objetivo a independência da Grécia, que nesse período, se encontrava sob jugo turco. Os membros dessa sociedade tinham como objetivo a criação de uma nação grega, entretanto havia divergências, por parte de dois grupos, quanto à extensão da área em que o futuro país ocuparia. Um grupo minoritário era favorável à *mégali ídea*, corrente que previa um grande Estado grego centralizado em Constantinopla. Dada a dificuldade em se efetivar a *mégali ídea*, o grupo majoritário, com seus membros favoráveis a estruturar um pequeno país *revitalizado*, saiu vitorioso (MORRIS, 1994, p. 22).

A representação do nacionalismo equivale a um conjunto harmonioso e uniforme de uma comunidade com suas próprias fronteiras. Fenômenos como o racismo, antissemitismo e a islamofobia, envolvem a aniquilação ou rejeição de elementos considerados como uma perturbação na homogeneidade (THOMAS, 2004, p. 108-109). Como resultado da independência grega, mais dramático seria a troca de populações entre Grécia e Turquia em 1923 que envolveria aproximadamente dois milhões de pessoas inclusive refugiados armênios fugidos do genocídio (BLACHARD, 1925, p. 449). Raoul Blanchard, em detrimento do traumático evento do abandono do lar – de ambas as partes – afirma que os donos das fábricas diziam que *os turcos eram menos eficientes que os cristãos* (BLACHARD, 1925, p. 456 grifo nosso).

Em sua obra *Classical Greece, Ancient histories and Modern Archaeologies* (1994), Ian Morris nos lembra da sugestão de Foucault em estudarmos os *regimes de verdades* em que a atividade intelectual de uma época está inserida (grifo nosso). Isto é, se faz necessário entender o contexto da época em que uma proposta teórica é apresentada. Morris é categórico em afirmar que não entendemos nada, ao menos que expliquemos a episteme. Essa, por sua vez, conferiria coerência ao pensamento de cada época (MORRIS, 1994, p. 10).

A ARQUEOLOGIA A SERVIÇO DO TOTALITARISMO

A Alemanha é o caso mais emblemático do uso da Arqueologia para a legitimação de políticas de Estado. A apresentamos enquanto um preâmbulo dada a proximidade entre a pré-história e a política já existia no país antes da ascensão de regime nacional-socialista (ARNOLD, 1990, p. 465). Antes do nazismo, já existiam fundamentos para a instauração de uma ideologia que defendia uma pureza racial. As ideias do linguista alemão Gustav Kossina, comentadas por Trigger como sendo *fantasias* (TRIGGER, 2011, p. 163, grifo nosso) foram fundamentais para a instauração do ideal nazista. Ao final da Primeira Guerra Mundial a Arqueologia alemã voltou-se em estudar as regiões onde existiam evidências etnolinguísticas da presença germânica. O termo pré-história (*vorgeschichte*) passou a ser rejeitado ao tempo que o conceito de história inicial (*urgeschichte*) passou a ser utilizado no meio acadêmico. Esse último transmitia a ideia de uma continuidade entre as duas histórias (ARNOLD, 1990, p. 464).

A contribuição de Kossina dada ao regime nazista se dá quando o linguista propõe o conceito de difusão cultural – processo em que uma civilização avançada difunde suas ideias e modelos para as menos avançadas. Somado a esse conceito, os mapas de distribuição arqueológica auxiliaram a reivindicação do Terceiro Reich sobre diversas regiões da Europa consideradas como lar dos antigos germânicos (ARNOLD, 1990, p. 464). Gustav Kossina chegou até mesmo a afirmar que a Arqueologia era a mais nacional das ciências (TRIGGER, 2011, p. 160).

Para Kossina, os alemães eram os mais racialmente puros, logo seriam os mais talentosos e dessa maneira teriam a responsabilidade de impor a civilização aos demais. O autor considerava os alemães como os primogênitos (*erstgeborenen*) dos indo-europeus (TRIGGER, 2011, p. 163).

Arnold nos relembra que os pré-historiadores foram atraídos pelos nazistas devido ao seu papel social. Pré-historiadores eram tratados como cidadãos de segunda classe no meio acadêmico, enquanto a Arqueologia Clássica e do Oriente Próximo eram as mais enaltecidas. As populações germânicas eram consideradas pelo próprio *Führer* como *vilas de cabanas de lama* como pode ser observado em uma de suas cartas:

Por que nós temos que chamar a atenção de todo o mundo pelo fato de que nós não tivemos passado? Já é ruim o bastante saber que os romanos erguiam grandes edifícios enquanto nossos antepassados ainda viviam em cabanas de lama; agora Himmler está começando a escavar essas vilas de cabanas de lama e se entusiasma sobre qualquer caco e machado de pedra que encontra. Tudo prova que nós ainda atirávamos machadinhas e nos acorávamos ao redor de fogueiras enquanto Grécia e Roma já tinham entrado em um avançado estágio de cultura. Nós realmente deveríamos dar o nosso melhor em manter silêncio sobre o passado. Ao invés disso Himmler faz um grande rebuliço sobre tudo isso. Os romanos de hoje devem estar rindo dessas revelações (Tradução da versão em inglês de ARNOLD, 1990, p. 469; SPEER, 1970, p. 94)

A partir de 1933, com a ascensão do NSDAP (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei), o Partido Nazista, o complexo de inferioridade alemão a respeito da sua pré-história passou a ser combatido pelos nazistas. Entre 1933 e 1935, oito cadeiras de pré-história foram criadas. Por sua vez o financiamento, em escavações em sítios arqueológicos na Alemanha e no leste europeu aumentou em uma escala sem precedentes. Museus a céu aberto com reconstruções do Neolítico e da Idade do Bronze como o assentamento de Unteruhldingen, auxiliaram na popularização da pré-história (ARNOLD, 1990, p. 468).

O nascimento da Arqueologia Nazista se deu devido um processo de longa duração. Foi durante o nazismo que as teorias de Kossina e de outros autores não comentados – e não necessariamente alemães (e.g. John Lubbock, James Cowles Pritchard, Lewis Morgan, Otis Madon, Karl Lepsius, Charles Seligman, o próprio Vere Gordon Childe, entre outros) – atingiram sua forma mais canônica. Dessa maneira, deve-se fazer um exercício em lembrar que, antes da ascensão do Partido Nazista, já existia um corpo teórico, de longa data, contaminado por interpretações racistas.

A Alemanha Nazista conseguiu, por meio de um arcabouço teórico e acadêmico, o suporte necessário para a construção de seu projeto de nação com o potencial de expansão ilimitado.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM? A ESPANHA FRANQUISTA (1939-1975)

A seguir apresentaremos o foco desse artigo com a intenção de dialogar com as leituras previamente tratadas de modo a criar um diálogo entre a teoria e a prática desses discursos em um outro território também sob julgo militar. Enquanto fontes, utilizamos obras que dispõem de correspondências, relatos, fotos, revistas e discursos políticos como evidências da intervenção do Estado Franquista nas atividades arqueológicas. Já como metodologia, elencamos as fontes compulsadas na figura dos pesquisadores que serão tratados (Julio Martínez Santa-Olalla; Martín Almagro Basch, Oswald Meghin e Miguel Tarradell i Mateu) do período de 1939-1972 de modo a abranger grande parte do período franquista com alguns de seus principais intelectuais. Salientamos que esse artigo não tem como objetivo exaurir o debate, visto que existem muitas outras figuras de importante protagonismo. Apresentamos os principais expoentes que influenciaram e influenciam até hoje a arqueologia que se faz na Espanha.

Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de algo maior. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa ficará diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por ti (Tradução nossa).²

A Guerra Civil Espanhola foi um dos eventos mais violentos da história do século XX. Guernica bombardeada em 26 de abril de 1937, retratada por Picasso, expressa o desesperador e desolador cenário da cidade homônima bombardeada pela Legião Condor, unidade aérea da Luftwaffe e também a italiana Aviazione Legionaria. A destruição do

² Versão original: No man is an island, entire of itself; every man is a piece of the continent, a part of the main; if a clod be washed away by the sea, Europe is the less, as well as if a promontory were, as well as if a manor of thy friend's or of thine own were; any man's death diminishes me, because I am involved in mankind, and therefore never send to know for whom the bell tolls; it tolls for thee (DONNE, 1998, XVII).

pueblo basco tinha dois objetivos: o apoio aos fascistas espanhóis contra os republicanos e; o teste das máquinas nazistas de guerra, prevendo um futuro conflito no continente europeu. Por mar, Hitler também bombardeou a cidade de Almería, então governada pelas forças republicana, assim como outras cidades. Naquele momento o Terceiro Reich oferecia amplo apoio a outros diversos ataques militares coordenados em território espanhol, sempre com a salvaguarda dos fascistas locais.

A presença nazista foi constante durante toda a Guerra Civil e os ataques só cessaram em 1º de abril 1939 com a tomada de Madrid e ascensão de Francisco Franco. Ao contrário de Adolf Hitler e de Benito Mussolini, Francisco Franco se manteve no poder até sua morte – em 1975, permanecendo como um verdadeiro fóssil do fascismo.

Com a derrocada dos republicanos, a Espanha franquista iniciou um processo de criação de uma unidade nacional por meio da exibição de um passado uniformizado e coletivo. A colombiana Maria Elena Salazar-Sierra nos recorda que o museu representa a ideia de uma coletividade baseada em um passado comum, associado a um patrimônio arqueológico *digno* de exibição (SALAZAR-SIERRA, 2009, p. 303) (grifo nosso). A academia e os museus foram um dos principais instrumentos utilizados pelos franquistas, para a manutenção da frágil unidade espanhola – historicamente conhecida pela diversidade de povos que habitaram a Península Ibérica.

JULIO MARTÍNEZ SANTA-OLALLA

Um Estado totalitário harmonizará na Espanha o funcionamento de todas as capacidades e energias do país, em que, dentro da Unidade Nacional, o trabalho, estimado como o mais iniludível dos deveres, será o único expoente da vontade popular. E graças a isso, o sentimento autêntico do povo espanhol pode se manifestar por meio daqueles órgãos naturais que, como a família, o município, a associação e a corporação, irão cristalizar na realidade nosso ideal supremo. Em uma palavra, a semente do nosso patriotismo regada com o sangue de tantos mártires, fará a colheita frutífera, a qual as melhores espigas depositaremos no altar augusto da pátria³.

³ Versão original: “Un estado totalitario armonizará en España el funcionamiento de todas las capacidades y energías del país, en el que, dentro de la Unidad Nacional, el trabajo, estimado como el más ineludible de los deberes, será el único expoente de la voluntad popular. Y merced a él, podrá manifestarse el auténtico sentir del pueblo español a través de aquellos órganos naturales que, como la familia, el municipio, la asociación y la corporación, harán cristalizar en realidades nuestro ideal supremo. En una palabra, la semilla de nuestro patriotismo regada con la sangre de tantos mártires hará fecunda la cosecha, de la cual las mejores espigas las hemos de depositar en el altar

Sentado em seu gabinete, foram com as palavras acima que o *Generalísimo* Francisco Franco, apresentou as diretrizes do novo governo para toda sociedade espanhola. Entretanto a ideologia fascista já corria pelas veias do país, muito antes da ascensão de sua ascensão.

Julio Martínez Santa-Olalla, discípulo de Pere Bosch Gimpera, um dos cientistas de maior prestígio na Espanha (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 37), realizou seus estudos na Universidade de Bonn na Alemanha de 1927 até 1931. Lá, foi apresentado à Gustav Kossina por Bosch Gimpera, que o considerava “un gran professor” (MEDEROS MARTÍN, 2003, p.15). A teoria indo-europeia de Kossina o motivou a pesquisar as populações pré-celta e celtas, buscando entender a arianização da Península Ibérica.

Martínez Santa-Olalla, arqueólogo que se tornaria em 1939 dirigente máximo da Arqueologia Franquista, era um dos intelectuais que havia se unido à Falange durante a Guerra Civil Espanhola. O arqueólogo era também filho de um general amigo de Franco e planejou a reorganização da Arqueologia espanhola a partir da criação do *Instituto Arqueológico Nacional y Imperial*, órgão que controlava toda a investigação científica arqueológica do país (RUFINO, 2011, p. 35).

Santa-Olalla escreveu uma série de trabalhos sobre fíbulas visigóticas e em um momento posterior dirigiu escavações de 400 tumbas da necrópole visigótica de Castiltierra, em Segóvia (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 57). Também se dedicou a sistematizar a arqueologia visigoda na Espanha, que ele considerava como *los pueblos germánicos en la Península Ibérica* (MEDEROS MARTÍN, 2003, p. 18).

A Alemanha Nazista, nutria interesse pela arqueologia visigoda, mas sobretudo pelas ilhas Canárias. Wolfram Sievers, diretor da Das Ahnenerb (*Ahnenerbe Forschungs- und Lehrgemeinschaft*), – instituto criado por Heinrich Luitpold Himmler –, acreditava que as Canárias estariam vinculadas ao mito de Atlântida. A fim de aprofundar sua relação com os alemães, Martínez Santa-Olalla apoiou os estudos de Otto Huth. Naquele período, Otto Huth era o principal interlocutor da Das Ahnenerb na Espanha, como retribuição à ajuda de

augusto de la patria”. Gravado e atualmente disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FcWQLHlefCk> (acessado em 24/01/2019).

Martínez Santa-Olalla, Huth conseguiu que Himmler visitasse a Península (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 57).

Em 1940 durante a famosa visita de Himmler à Espanha, foi Martínez Santa-Olalla quem acompanhou a comitiva passando pelo Museu Arqueológico Nacional (MAN), pelo El Escorial e por El Alcázar de Toledo. No dia 22 de outubro de 1940, em vista ao MAN, o Ministro do Interior, se fascinou pela Dama de Elche, escultura ibera entalhada provavelmente entre o século V a.C. e III a.C. Logo, o *Reichsführer* não se demorou em fazer todo o tipo de interpretações sobre sua origem. Entretanto, vale lembrar que, o busto não estava na Espanha naqueles anos. A Dama havia sido descoberta por um camponês em 1897 e vendida para o museu do Louvre por 5.000 Pts (Pesetas).

A verdadeira Dama de Elche só chegou no país em 8 de fevereiro de 1941, e só em 1971 chegou ao MAN. Mas na época, poucos cronistas se atreveram a mencionar que Himmler contemplou uma reprodução⁴.



Figura 1. Henrich Himmler (à esquerda) atento às explicações de Julio Martínez Martínez Santa-Olalla (à direita), observa a Dama de Elche.

Disponível em: <http://www.fotomilitares.org/viewtopic.php?f=11&t=2671> (Acessado em 10/11/2015).

⁴ Disponível em: <http://www.lavanguardia.com/hemeroteca/20110208/54111406538/el-regreso-de-la-dama-de-elche-a-espana.html> (Acessado em 10/08/2017).

Martínez Santa-Olalla havia conseguido a amizade tanto de Sievers quanto a de Himmler e recebeu um convite formal, diretamente do Ministro do Interior, para participar de um ciclo de conferências pela Alemanha.

ARQUEOLOGIA DE PARTIDO, AS INFLUÊNCIAS DO REICH

Pelo seu posicionamento ideológico e sua estreita relação com o *Reich*, Martínez Santa-Olalla foi considerado como o mais apto a ocupar o comissariado geral de escavações arqueológicas, sendo nomeado em março de 1939. No dia 29 de maio do mesmo ano, em um ato de afronta, se pronunciou no ateneu de Madrid – antigo bastião do pensamento liberal. Lá defendeu o direito do novo Estado nacional-sindicalista em possuir um império baseando-se no estudo da Arqueologia (GRACIA-ALONSO, 2013, p. 49).

Gracia-Alonso afirma que Martínez Santa-Olalla representava uma Arqueologia de partido aos moldes do modelo nazista. Isto é, tinha a pretensão de vincular a Falange às intervenções arqueológicas. Para tanto, aprofundou as relações com arqueólogos alemães vinculados aos nazistas como Gerhardt Rodenwaldt, Hans Reinhert e Hans Zeiss. Também estabeleceu contatos institucionais com o Ministério de Educação do Reich e com o Instituto Arqueológico do Império Alemão, do qual era membro desde 1920, por sugestão de Adolf Schulten (GRACIA-ALONSO, 2013, p. 52-53).

Seu interesse anterior pelos povos visigóticos chegou ao fim em 1941 quando reconheceu que várias peças publicadas em 1936 e 1940, supostamente procedente da Extremadura e de Castilla-La Mancha, eram falsificações (MEDEROS MARTÍN, 2003, p. 18).

MARTÍN ALMAGRO BASCH

Martín Almagro Basch, militante falangista, que havia em 1939 assumido a direção do Museu Arqueológico de Barcelona, substituindo Bosch Gimpera (exilado no México), logo no primeiro número da Revista *Ampurias* lançou uma ferrenha defesa ao novo regime:

Com o serviço exclusivo dos ideais do Novo Estado Nacional dirigido pelo Caudilho, esta revista aspira com as páginas que se seguem, mostrar ao mundo científico como na Espanha as pesquisas são novamente atendidas e que deseja colaborar na alta cultura com zelo e ambições. Acima de tudo, nesta Barcelona vigorosa e forte, nada precisa ser quebrado agora, mas traição e a ilegitimidades cujas memórias serão varridas para sempre com o trabalho certo e a saudável ambição de servir a Pátria, Una, Grande e Livre⁵ [...]

Gracia-Alonso revela que a ascensão de Basch baseou-se em uma *acomodação pragmática* (grifo nosso). Segundo diversos testemunhos, Basch militou na JONS (*Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalistas*) em 1930. Em 1933 há registros de sua militância junto a grupos de extrema-esquerda, até ser seduzido pela Falange Espanhola (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 308, em nota de rodapé).

O governo de Francisco Franco comprometeu a produção de artistas e pensadores. Livros foram censurados, escritores tiveram que se exilar assim como idiomas regionais foram proibidos de serem expressados.

Sob Basch, o museu que anteriormente era referido em língua catalã como *Museu d'Arqueologia*, passou a ser referenciado em castelhano como *Museu Arqueológico de Barcelona*. Pouco antes da tomada de Barcelona pelos franquistas, a *Generalitat de Catalunya*, realizou uma evacuação do acervo do *Museu d'Arqueologia*. O acervo e os tesouros artísticos da Segunda República, foram enviados para Genebra e entregues à Liga das Nações. Entretanto, finalizada a Guerra Civil, a Liga das Nações devolveu todos os bens que haviam sido enviados para o exterior (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 307-308).

Camarós (2010, p. 37) afirma que a *Escola Catalana* morreu em 26 de janeiro de 1939, logo após a entrada das tropas franquistas em Barcelona. Franco trabalhou na desarticulação de todas as instituições existentes por meio da introdução de agentes ligados ao regime, em um movimento de reestruturação articulado do topo da hierarquia acadêmica até suas bases.

⁵ Versão original: Al servicio exclusivo de los ideales del Nuevo Estado nacional dirigido por el Caudillo esta revista aspira, con las páginas que le siguen, a mostrar al mundo científico cómo en España se atiende de nuevo a las investigaciones y se desea colaborar en la alta cultura con celo y ambiciones. Sobre todo, en esta Barcelona vigorosa y fuerte nada ha de quebrarse ahora, sino la traición y la bastardía, cuyos recuerdos serán barridos para siempre con el trabajo recto y la sana ambición de servir a la Patria, Una, Grande y Libre. (GRACIA-ALONSO, 2013, p. 52-53).



Figura 2. Museu Arqueológico de Barcelona. Fevereiro de 1939. Sala de Ampúrias depois da evacuação das coleções expostas na mesma (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 336).

Durante a gestão de Almagro Basch, sete funcionários foram demitidos por razões políticas, não esclarecidas. O caso de Josep Corominas foi o mais grave dentre as demissões. O funcionário foi acusado de se expressar em catalão durante o exercício de suas funções profissionais como conservador do museu. Fato que aconteceu durante a apresentação de uma parte da coleção a um grupo de visitantes e foi considerado um ato de desobediência civil. O processo de Corominas se arrastou durante meses de julgamento, Gracia-Alonso considera o fato como uma pressão sobre a sociedade catalã (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 328-335).

Também vale ressaltar que 61 professores universitários se exilaram, 4 foram encarcerados enquanto 50 foram repreendidos pelo Tribunal de Responsabilidades Políticas. Depois da Guerra Civil, Almagro Basch, se aproveitou da infraestrutura criada por Bosch Gimpera para ganhar prestígio dentro dos círculos de poder. Bosch Gimpera havia escavado em Ampúrias até o início da Guerra Civil. Almagro Basch percebeu nesse sítio uma possibilidade de se projetar não só na Espanha como em toda Europa (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 37-40).

ARQUEOLOGIA DA OPRESSÃO: O CASO DE AMPÚRIAS

Em Ampúrias – cidade grega localizada na Catalunha – com o apoio da alta sociedade de Barcelona e dos militares, Almagro Basch conseguiu um enorme contingente do exército para a obtenção de resultados rápidos. Cabe aqui lembrar que esse contingente se tratava, na realidade de prisioneiros políticos e capturados republicanos durante a guerra. Esses, foram incorporados ao exército para a reconstrução da infraestrutura do país, arrasado pela Guerra Civil (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 41).



Figura 3. Início das escavações em Ampúrias em 12 de setembro de 1940. O batalhão de trabalhadores Figueiras 71. A frente observa-se as vias férreas para o deslocamento dos vagões (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 279).

Os trabalhadores realizavam as escavações sob condições subumanas. Sob forte vigilância, o batalhão teve o mínimo de contato com os habitantes do *pueblo* de L'Escala. Contudo, em 1941, uma delegação de habitantes da vila conseguiu dos militares uma permissão para os trabalhadores escravizados celebrassem o Natal no *pueblo*. Entre os presos políticos, a figura de Josep Bayo – futebolista do F.C. Barcelona antes da guerra civil – estreitou as relações com a vila de L'Escala. Entusiastas por futebol, os habitantes do *pueblo* conseguiram até mesmo realizar partidas com os prisioneiros. Essa relação

beneficiou o contingente. Os habitantes do *pueblo* levavam alimentos para compensar a dieta deficitária à qual os prisioneiros estavam submetidos (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 43-53).

Em Ampúrias ficou evidente o autoritarismo centralista de Francisco Franco. Os trabalhos propiciaram ao governo um respaldo às aspirações nacionalistas. Essa postura é comum em governos ditatoriais que para legitimarem sua existência, facilitavam atividades científicas que seguiam os ditames ideológicos governamentais, desconsiderando trabalhos que não condiziam com a visão de poder reinante (RUFINO, 2011, p. 40).

Por fim, todo o resultado do trabalho foi lançado nas *Monografías Ampuritanas*, uma coleção dos relatórios de escavação e interpretações, dedicadas à Ampúrias. Tudo foi – evidentemente – editado pelo diretor do museu Martín Almagro Basch, que se manteria na gestão das escavações até 1963 (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 40).

OSWALD MENGHIN

Gozalbes Cravioto nos relembra o pensamento dos militares africanistas. A África era *un ideal, un sueño transnacional en cuyos esfuerzos se produciría la regeneración de España* (GOZALBES CRAVIOTO, 2008, p. 151). O termo *africanista* diz respeito ao Protetorado do Marrocos Espanhol. Franco assim como muitos outros militares atuaram em várias campanhas no país. Os africanistas foram fundamentais para a vitória dos nacionalistas na Guerra Civil Espanhola.

Fora Franco quem conseguira de Hitler e Mussolini aviões para o deslocamento do exército espanhol mobilizado em Marrocos. Durante a Guerra Civil a Marinha manteve-se fiel aos republicanos e impediu a travessia das tropas por mar.

Tomás García Figueira, militar e africanista em sua obra *Marruecos*, defende a necessidade de limpar os elementos indesejáveis (GOZALBES CRAVIOTO, 2008, p. 152). O africanismo se expressou por meio de uma revista de caráter militar intitulada *Revista de tropas coloniales* – posteriormente, renomeada *África* –, onde o próprio Franco chegou a publicar um artigo conhecido como *Pasividad e inacción* (1924).

O Norte da África era um território vital para a ideologia falangista. Por meio da aliança com os países do Eixo, Franco deu novo fôlego ao imperialismo espanhol sobre território reivindicados desde a *Restauración* do século XIX (MEDEROS MARTÍN, 2014, p. 31). Ao abandonar a arqueologia visigótica, Martínez Santa-Olalla voltou sua atenção para a África. Esse fato favoreceu ainda mais as intenções do regime sobre o Norte da África, principalmente Marrocos.

Martínez Santa-Olalla passou a se corresponder com Oswald Menghin, catedrático da Universidade de Viena e estudioso da pré-história do homem. Menghin desde jovem era simpático à causa nazista, e logo após a invasão da Áustria pela Alemanha solicitou o ingresso no NSDAP. Almagro-Basch, quando era bolsista em Viena, se referia ao sucesso do livro de Menghin na Áustria como *aquí el libro de Menghin es la Biblia* (MEDEROS MARTÍN, 2014, p. 214).

Em suas postulações Menghin afirmava que houve uma difusão, a partir do Egito, durante o Neolítico Final e Calcolítico. Essa dispersão seguiu uma rota norte-africana que alcançou a Península Ibérica e se espalhou pela Europa.

Sua teoria ganhou enorme força na Espanha. As estruturas megalíticas foram interpretadas como sendo um reflexo da *magnificencia egípcia en formas más primitivas* (MEDEROS MARTÍN, 2014, p. 215) (grifo nosso).

ARQUEOLOGIA DO OBSOLETO: O DESCARTE DE SANTA-OLALLA

Contudo, a Segunda Guerra Mundial impediu novos contatos entre Oswald Menghin e Martínez Santa-Olalla. O austríaco foi capturado pelos estadunidenses em junho de 1945. Depois de liberado, imigrou para a Argentina. Martínez Santa-Olalla foi o seu único colega europeu a atender seu pedido de ajuda. Não obstante, as obras de Menghin continuaram a influenciar o pensamento de Martínez Santa-Olalla.

Oswald Menghin viajou para fora da Argentina apenas em 1956 – somente uma vez. E sua viagem se deu devido o convite do *Centro de Estudios Antropológicos de Chile* para participar do *III Congreso Internacional de Africanistas del Oeste*. Na Espanha, com o início da Segunda Guerra, Franco ocupou Tánger em 1940. O *Generalísimo* afirmava que “era

preciso fazer uma Nação e forjar um Império". Em 1943, Santa-Olalla realizou sua primeira expedição arqueológica e etnológica no Saara Espanhol. A partir daí participou de várias conferências internacionais sobre a África (MEDEROS MARTÍN, 2014, p. 216). Depois de sua atuação ativa como um dos principais arqueólogos da Espanha, devido problemas visuais e cardíacos, ocupou a cátedra de História da Arte na Universidade de Zaragoza em 1955. No entanto, a partir dos anos 50, após o final da guerra, Santa-Olalla foi *defenestrado* da academia devido sua orientação política. O regime tinha interesse em reformar sua fachada fascista para ser mais aceito na comunidade internacional (CORBÍ, 2009, P. 5) (grifo nosso).

Em 1957 se transferiu para Universidade de Valência até 1964 e em 1969 assumiu a cátedra de *Historia del Arte Primitivo* na Universidade Complutense de Madrid, que ocupou até 1972, ano de sua morte (GRACIA-ALONSO, 2003, p. 48).

LLUÍS PERICOT I GARCÍA

Pericot foi aluno de Pere Bosch Gimpera e membro da *Escola Catalana d'Arqueologia* que prosperava na Catalunha republicana, antes do regime franquista. Pericot afirmava que nunca se esqueceria da sua primeira aula do dia 2 de outubro de 1916 às 9 da manhã, ministrada por Pere Bosch Gimpera, na Universidade de Barcelona. A partir dessa aula, Pericot por toda sua vida se envolveria nos estudos sobre a pré-história (FULLOLA PERICOT, 2011, p. 301).

Foi Pericot quem recebeu Vere Gordon Childe durante sua visita a Espanha em 1928. Childe tinha o objetivo de visitar Los Millares em Almería, um dos sítios que cita em sua obra *The Dawn of European Civilization* (1925). No ano seguinte, Childe reconheceria a importância da Península Ibérica em *The Danube in Prehistory* (1929) (DÍAZ-ANDREU, 2002, p. 75). Contudo o australiano fora pouco citado por Bosch Gimpera, visto que existia uma clara preferência pelos autores alemães devido a própria formação de Bosch ter sido realizada na Alemanha (DÍAZ-ANDREU, 2002, p. 77).

Em 1933, Bosch Gimpera criou uma cátedra de etnografia para Pericot. Na Universidade de Barcelona, produziu intensamente ante do início da Guerra Civil. Daquele

período suas obras foram *América indígena* (1935), artigos publicados na *Revue Archéologique de Paris* e uma obra intitulada *La céramique ibérique de San Miguel de Liria* (FULLOLA PERICOT, 2011, p. 302).

ARQUEOLOGIA DO SILÊNCIO: BASCH E PERICOT

Com a iminência da Guerra Civil, Bosch Gimpera, que era tanto reitor da Universidade de Barcelona como conselheiro de justiça da *Generalitat da Catalunya* – presidida por Lluís Companys – pediu à Pericot que ficasse na Catalunha para continuar com a *escola d'arqueologia de Barcelona*. Para Fullola Pericot (2011, p. 302), esse pedido implicaria na posterior aparição de destacados professores e investigadores a partir dos anos 40, como Miquel Tarradell i Mateu, Pere de Palol, Albert Balil, Antono Arribas, Glòria Trias, entre outros.

Depois de ser condenado pelo regime, Bosch Gimpera partiu para seu exílio no México. Pericot que também era um nacionalista catalão, para evitar atritos com o novo regime, assumiu uma postura mais velada (CORBÍ, 2009, p. 5). Ao ficar na Espanha, enfrentou o perigoso processo instaurado pelo regime franquista, no entanto foi reabilitado, dessa vez para uma cátedra de história antiga. A cátedra de pré-história tinha sido ocupada por Martín Almagro Basch até 1954, quando esse último assume uma outra cátedra em Madrid (ALMAGRO-GORBEA, 2008, p. 134).

Durante as escavações em Ampúrias, Pericot conseguiu empreender a abertura de cursos internacionais. Pericot tinha como intuito atrair professores estrangeiros. Pelo seu esforço, primeira vez o regime se abriu para pesquisadores exteriores. Esse movimento deu novo fôlego para academia espanhola (FULLOLA PERICOT, 2011, p. 302).



Figura 4. Participantes no I Curso Internacional de Arqueología de Ampurias (1947). Da esquerda para a direita, na primeira fila, Martín Almagro, Blas Taracena, Antonio García y Bellido, Adolf Schulten, (?), Nino Lamboglia, Jean Mallon y Luis Pericot; segunda fila, Mercedes Muntañola, Lidia Panizzi, Teresa Pericot, Luisa Pericot, Concepción Fernández Chicarro, María Luisa Galván, Isabel de Ceballos-Escalera, Carola Martínez, Catalina María Ferrer, Luisa Vilaseca, Pilar Sanz y Sra. Serra Ráfols; terceira fila, Pedro de Palol, Augusto Fernández Avilés, Miguel Oliva, Francisco Riuró, Octavio Gil Farrés, Carlos Cid Priego, I.Puig, Federico Watterberg, Tomás Magí, Miguel Ángel García Guinea, Antonio Beltrán, Augusto Panyella, Francisco Jordá, José Milicia, Luis Amorós, Miguel Tarradell, Ricardo de Apráiz, Luisa Arrufat, Concepción Gener, José de Calasanz Serra Ráfols, Javier Bordanova, Joaquín María de Navascués, Teógenes Ortego y José Maria Corominas (OLMOS et al., 2010, p. 435).

Segundo Díaz-Andreu (DÍAZ-ANDREU, 2002, p. 78), Pericot foi o primeiro arqueólogo childeano na Espanha. Pericot e Childe se correspondiam e se citavam em suas revisões. Entretanto, a relação entre eles era cautelosa. O regime franquista poderia considerar Childe suspeito devido suas preferências políticas, no entanto Pericot, graças à sua postura conservadora conseguia neutralizar a desconfiança do governo (DÍAZ-ANDREU, 2002, p. 78). Aposentou-se da cátedra de pré-história em 1971, no mesmo ano seus colegas realizaram uma dedicatória no volume 5 da revista *Pyrenae*,

Nada poderia ser mais agradável ao Instituto de Arqueologia e Pré-História de nossa Universidade que o reconhecimento nacional, tão sincero e merecido, que por tantos anos mantém a liderança efetiva da Escola Arqueológica de Barcelona, criada em 1916 pelo professor Pedro Bosch

Gimpera, e que atualmente, possui quatro gerações de pesquisadores ativos. Para nos somarmos à essa homenagem, a revista *Pyrenae*, órgão periódico do nosso Instituto, dedica dois números consecutivos (1969 e 1970) ao professor Luis Pericot, que quer ser uma testemunha viva da vitalidade que anima nossa escola.⁶

Esse volume também contou com a participação de Pere Bosch Gimpera com quem Pericot já se relacionava desde 1916. Antes de entrar em seu artigo *La cultura de Almería*, Gimpera fez um curto agradecimento por participar da edição e se referiu a Pericot como *uno de los maestros más eminentes de nuestra arqueología* (BOSCH, 1969, p. 47).

MIQUEL TARRADELL I MATEU

Miquel Tarradell i Mateu, cursou Licenciatura universitária em Filosofia e Letras na Universidade de Barcelona. Tarradell foi aluno de Lluís Pericot e de Martín Almagro Basch. Seu primeiro contato com a Arqueologia Antiga se deu no sítio arqueológico de Ampúrias, durante a gestão de Almagro Basch. Foi nesse sítio grego e romano que o levou a estudar a Antiguidade Mediterrânea. Em Ampúrias também coordenou trabalhos forçados realizados pelos prisioneiros republicanos da recente Guerra Civil (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 200).

Com apoio de Almagro Basch, Tarradell usufruiu de uma bolsa no *Institute of Fine Arts*. Antes da viagem, Almagro Basch faz uma clara recomendação em como Taradell deveria agir, como consta em suas correspondências:

[...] Aproveite sua estadia nos EUA, nunca esqueça que você representa a Espanha e que sempre deve servi-la com a exatidão e diligência costumeiras [...] faça muitas trocas com Ampúrias e nos forneça muitos livros em troca de coisas em espanhol, já que não temos dólares. É uma obrigação que também acredito que você deve sentir. O de servir este

⁶ Versão original: Nada podía ser más grato al Instituto de Arqueología y Prehistoria de nuestra Universidad ese reconocimiento nacional, tan sincero y merecido, a quien durante tantos años ha mantenido la dirección efectiva de la Escuela Arqueológica Barcelonesa creada en 1916 por el Profesor Pedro Bosch Gimpera, y que cuenta en la actualidad con cuatro generaciones de activos investigadores. Para sumarnos a ese Homenaje, la revista *Pyrenae*, órgano periódico de nuestro Instituto, dedica dos números consecutivos (1969 Y 1970) al Profesor Luis Pericot, los cuales quieren ser un vivo testimonio de la vitalidad que anima a nuestra Escuela (MALUQUER DE MOTES, 1969, VII-VIII).

Museu Arqueológico e o Seminário de Pré-História de Barcelona, onde você foi treinado e que deve sempre pensar em servir.⁷

Com o falecimento de Pelayo Quintero Atauri em 1946, antigo inspetor de Arqueologia do Protetorado espanhol do Norte de Marrocos e diretor do Museu de Tetuán, se iniciou uma disputa entre dois grupos. Julio Martínez Santa-Olalla, então Comissário Geral de Escavações Arqueológicas disputava contra Pericot, Almagro Basch e outros catedráticos. O segundo grupo acreditava que havia uma necessidade da implementação de uma Arqueologia menos ideologizada (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 200).

Em 1948, graças a uma petição enviada por Almagro Basch, Tarradell foi nomeado Inspetor de Escavações e Diretor do Museu de Tetuán. A partir da sua nomeação suas linhas de investigação se estabelecem no Norte da África. Realizou escavações em Tamuda e Lixus como também executou prospecções e intervenções pontuais em outras localidades. No Museu de Tetuán modificou a apresentação das coleções museográficas (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 201-215).

Em junho de 1953 organizou com ajuda de Pericot, e sobretudo de Almagro Basch (GRACIA-ALONSO, 2012, p. 202), o primeiro Congresso Arqueológico do Marrocos Espanhol, que, segundo Blázquez Martínez (2000, 1105) foi um êxito de qualidade. Entretanto, outros autores consideram o Congresso de Tetuán como uma propaganda do regime sobre o protetorado espanhol que viria a se tornar independente, três anos depois, em 1956 (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 201).

⁷ Versão original: [...] aproveche su estancia en EE.UU., no olvide nunca que representa Ud. a España y que en todo momento debe Ud. servirla con la corrección y laboriosidad que le son habituales [...] haga Ud. muchos cambios con Ampurias y nos proporcione muchos libros a cambio de cosas españolas ya que no tenemos dólares. Es una obligación que también creo debe Ud. sentir. La de servir a este Museo Arqueológico y Seminario de Prehistoria de Barcelona donde Ud. se ha formado y al que debe seguir pensando siempre servir (GRACIA-ALONSO, 2012, p. 199).



Figura 5. Tarradell, na primeira cadeira da direita para a esquerda, durante a inauguração do Congresso Arqueológico do Marrocos Espanhol. Junho de 1953 (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 202).

Houve sessenta e duas comunicações no Congresso de Tetuán, entretanto os colegas de Martínez Santa-Olalla estiveram todos ausentes. Martín Almagro Basch foi o presidente da última seção do Congresso e estimulou os presentes para participarem de futuras reuniões periódicas. Uma importante contribuição de Tarradell para a Arqueologia foi o reconhecimento da importância do mundo fenício para entender o Mediterrâneo Antigo. O autor cunhou o termo *Círculo del Estrecho* para se referir a uma liga de cidades fenícias – capitaneadas por Gádir (atual Cádiz) – que englobava o Marrocos e a costa peninsular (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 203-206).

Arqueologia do Império: o caso do Círculo do Estreito

A concepção do conceito de Círculo do Estreito de Tarradell se fundamentou principalmente nas semelhanças entre os achados arqueológicos de ambas tanto da África quanto da Península Ibérica. O autor postulava que existiriam dois círculos econômicos, um de Cartago e outro de Gádir (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 206).

Muito diferentemente de Santa-Olalla, Tarradell contribuiu para derrubar o africanismo, reduzindo a teoria da difusão, por rotas norte-africanas, como simples contatos – esses por sua vez, majoritariamente de norte para o sul (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 207).

O trabalho de Tarradell influenciou uma geração de arqueólogos, tais como Fernando López Pardo, Enrique Gozalbes Cravioto, Noé Villaverde Veja, Lluís Pons Pujol, Carmen Aranegui entre outros (GOZALBES CRAVIOTO, 2011, p. 216). No entanto existem contrapartidas sobre o conceito de Círculo do Estreito proposto pelo autor.

Emanuele Papi (PAPI, 2014, p. 205) afirma que o modelo é útil em diferenciar material fenício atlântico e cartaginês mediterrânico e também em perceber similaridades arquitetônicas e cerâmicas nas duas costas do Estreito. Contudo, o conceito de Círculo do Estreito estabelece uma unidade entre regiões propriamente distintas. Esse fato não difere da classificação historiográfica em usar os termos *helenização* e *romanização* em outros contextos mediterrânicos.

Papi vai além ao afirmar que esse conceito é muito amplo para ser aplicado em uma região tão vasta. O autor conclui que o Círculo do Estreito subordina a costa marroquina aos assentamentos ibéricos do Estreito. Dessa maneira a agência dos habitantes do Marrocos é removida e seus papéis se limitam a serem apenas receptores e imitadores de um tipo cerâmico: a oficina de Kouass (PAPI, 2014, p. 205).

Eleftheria Pappa também faz uma análise sobre o conceito em seu artigo *Who's the Phoenician on the Atlantic? Disentangling Seafaring from Colonization in Portugal and Marocco* (2015). A autora acredita que, por mais que o termo cunhado por Tarradell seja vago em termos cronológicos e descritivos, foi capaz de dominar as discussões sobre a Arqueologia Fenício-Púnica (2015, p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse artigo visualizamos algumas das violências cometidas pelo regime franquista no âmbito arqueológico. Existiu uma vontade dos arqueólogos franquistas em enganar ou deformar a realidade do registro arqueológico. Inexistindo um pensamento estratégico o objetivo consistia na produção de conhecimento que legitimasse e garantisse a manutenção do regime (RUFINO, 2011, p. 32-43).

Ian Morris afirma que a Arqueologia contribuiu para a noção de *Europa e África* (MORRIS, 1994, p. 13). A Arqueologia Franquista deu respaldo para os objetivos políticos do regime, essa que, por sua vez, buscava atingir seus objetivos nacionalistas. Os conceitos cunhados nesse período carregam um juízo de valor que reflete as ideias do governo franquista, dessa maneira é necessária a revisão da produção arqueológica do período.

Como foi perceptível, cada pesquisador adaptou-se de uma forma diferenciada às novas diretrizes do governo franquista. No entanto, já existia um círculo de arqueólogos que gozava de prestígio entre os militares, tais como Almagro Basch, um dos mais influentes. E também por investigadores estrangeiros tais como Oswald Menghin que defendia a ideia de do difusionismo das civilizações pelo Egito e Norte da África com a intenção de legitimar o colonialismo europeu em solo africano. Santa-Olalla que mesmo tendo seguido a cartilha totalitária foi no final da vida rechaçado visto que o regime Franquista buscava renovar a sua fachada perante a comunidade internacional. Pericot, que para dar continuidade à escola catalã de arqueologia, tornou-se mais discreto no que concerne sua posição política, tentando equilibrar-se não pendendo nem para o lado republicano tampouco para o franquista. E por fim, Miguel Tarradell que deixou como legado a sua teoria sobre o Círculo do Estreito, presente até a atualidade na academia espanhola e de grande valia para os estudos fenício-púnicos. No entanto, como visto, essa teoria define um centro fenício localizado em território ibérico como líder de uma comunidade de cidades fenícias na área do Estreito de Gibraltar. Esse viés eurocentrista, retira o protagonismo das comunidades do Norte da África, em especial as que existiram no Marrocos.

Percebemos que o termo Círculo do Estreito é problemático. O conceito em si foi concebido depois de uma longa gestação em âmbito franquista, o que já o impregna de

ideias imperialistas e unitaristas. A escolha de uma cidade fenícia Cádiz (Andaluzia) como detentora de uma liga de cidades no Ocidente, silencia a participação dos outros importantes centros fenícios, como por exemplo Lixus e Volubilis. O conceito de Tarradell deve ser utilizado com precaução. Visto que uma leitura mais apurada, sugere uma produção acadêmica relativamente direcionada pelos ideais do regime de Francisco Franco e seus seguidores.

Em um mundo cada vez mais multivocal e plural, a revisão de conceitos por diferentes pesquisadores das mais diversas partes do mundo é fundamental. Ouvir a interpretação do *outro* tem obtido resultados frutíferos. A Arqueologia tem se tornado capaz de escutar não apenas o *colonizador*, mas também o *colonizado*. Dessa maneira, podemos assumir a existência de diferentes verdades. Corbin nos relembra que um fato nunca é dado como algo eterno. Por fim, afirma que há inúmeros meios de se interpretar um tema (CORBIN, 1988, p. 131). A verdade para esse autor é meramente a última das hipóteses e não é mais que – temporária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMAGRO-GORBEA, Martin. La Real Academia de la Historia y el Centro de Estudios Históricos, la Arqueología. In: GÓMEZ MENDONZA, J. (Org.). **La Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas y los académicos de la Historia**. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 115-138, 2008.

ARNOLD, Bettina. The past as propaganda archaeology in Nazi Germany, **Antiquity**, n. 64 464-478, 1990.

BLANCHARD, Raoul. The Exchange of Populations between Greece and Turkey. **American Geographical Society**, n. 3, p. 448-456, 1925

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María. Tres grandes arqueólogos de Mauretania Tingitana: M. Ponsich, R. Thouvenot y M. Tarradell In: KLANOUSSI, Mustapha et al. (Org.), **L’Africa Romana XIII. Atti dell’XIII convegno di studio. Djerba 1998**, Roma: Editore C, p. 1089-1105, 2000.

BOSCH GIMPERA, Pere. La cultura de Almería. **Pyrenae**, Barcelona, n. 5, p. 47-93, 1969.

CAMARÓS, Edgard. Una Nueva Arqueología” per un “nuevo Estado”, o la mort de l’Escola Catalana d’Arqueologia i el naixement de l’Arqueologia franquista (1939-1955). **Estrat Crític: Revista d’Arqueologia**, Barcelona, n. 4, p. 35-45, 2010.

CORBÍ, Juan Francisco, El franquismo en la Arqueología, el pasado prehistórico y antiguo para la España una, grande y libre. **Revista sobre arqueología en internet** n. 1, p.1-64, 2009.

CORBÍN, Paul. **What is Archaeology?:** an essay on the nature of archaeological research. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. **Historia de la Arqueología.** Madrid: Ediciones Clásicas, 2002.

DONNE, John. **No man is an island.** London: Souvenir, 1988.

FOWLER, Don. Uses of the Past, Archaeology in the Service of the State (1987). In: MURRAY, Tim; EVANS Christopher (Orgs.). **Histories of Archaeologies, A Reader in the History of Archaeology.** New York, Oxford: University Press. p. 93-119, 2008.

FULLOLA PERICOT, Josep. Lluís Pericot i Garcia (1899-1978). In: TUDELA I PENYA, Montserrat; IZQUIERDO, Pere (Orgs.). La nissaga del món clàssic. **Revista Auriga,** Barcelona, p. 302-305, 2011.

GOZALBES CRAVIOTO, Enrique; PARODI, Manuel Jesús. Miguel Tarradell y la arqueología del Norte de Marruecos. In: BARNEL Dario, et al (Orgs.). **Estrategias para la Puesta en Valor de los recursos patrimoniales del Norte de Marruecos. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (III)** Cádiz: Universidad de Cádiz , p. 199-220., 2011.

GOZALBES CRAVIOTO, Enrique. Las prospecciones de Miguel Tarradell en estaciones de superficie del noroeste de Marruecos. In: BARNEL, Dario, et al (Orgs.). **En la orilla africana del Círculo del Estrecho. Historiografía y proyectos actuales. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (II).**Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 93-103, 2008.

GRACIA-ALONSO, Francisco. Arqueología de la memoria. Batallones disciplinarios de soldados-trabajadores y tropas del ejército en las excavaciones de Ampurias (1940-1943). In: MOLINERO, Carme; SALA Margarida; SOBREQÜÉS. Jaime **Una inmensa prisión. Los campos de concentración y las prisiones durante la guerra civil y el franquismo,** Barcelona: Crítica, p. 37-59, 2003.

GRACIA-ALONSO, Francisco. La depuración del personal del museo arqueológico de Barcelona y del servicio de investigaciones arqueológicas después de la Guerra Civil (1939-1941). **Pyrenae.** n. 33-34, p. 303-343, 2003.

GRACIA-ALONSO, Francisco. **Arqueología i política, la gestión de Martín Almagro Basch al capdavant del Museu Arqueològic Provincial de Barcelona (1939-1962).** Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012.

GRACIA-ALONSO, Francisco. Contactos hispano-italianos en la Arqueología durante la Guerra Civil y el primer franquismo. In: OLMOS, Ricardo et al. (Orgs.). **Repensar la Escuela del CSIC en Roma. Cien Años de Memoria,** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 427-411. 2010.

GRACIA-ALONSO, Francisco. La Arqueología durante el franquismo. Instrumentalización identitaria. In: ALTARRIBA, Antonio et al. (Orgs.). **Los intelectuales y la dictadura franquista. Cultura y poder en España de 1939 a 1975.** Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 2013.

MALUQUER DE MOTES, Jordi (Org.). Dedicación, a Luis Pericot García. **Pyrenae**, n. 5, p. VII-VIII, 1969.

MEDEROS MARTÍN, Alfredo. El espejismo nacional-socialista. La relación entre dos catedráticos de Prehistoria, O. Menghin y J. M. Santa-Olalla. **Trabajos de Prehistoria**. Madrid, n. 2, 2014.

MEDEROS MARTÍN, Alfredo. Julio Martínez Martínez Santa-Olalla y la interpretación ariana de la prehistoria de España (1939-1945). **Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología**. Valladolid: Universidad de Valladolid: Servicios de Publicaciones, Valladolid, n. 69 p. 13-55, 2003.

MORRIS, Ian. (Org.). **Archaeologies of Greece. en Classical Greece, Ancient histories and modern archaeologies. New directions in Archaeology**, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

PAPI, Emanuele. Punic Mauretania? In: QUINN, Josephine Crawley; VELLA, Nicholas (Orgs.). **The Punic Mediterranean. Identities and Identification from Phoenician Settlement to Roman Rule**. Cambridge: Cambridge Press. p. 202-218, 2014.

PAPPA, Eleftheria. Who's the Phoenician on the Atlantic? Disentangling seafaring from colonization in Portugal and Morocco. In: **On Sea and Ocean, New Research in Phoenician seafaring** PERDEREN, Ralph (Org.), Marburg: Eigenverlag des Archäologischen Seminars der Philipps-Universität Marburg, p. 71-93, 2015.

RUFINO, Renato. Arqueología e Nacionalismo Español, a práctica arqueológica durante el Franquismo (1939-1955). **Arqueología Pública** n. 4, p. 32-43. 2011.

SALAZAR-SIERRA, María Elena. La identidad cultural en la conformación de colecciones arqueológicas en Colombia. In: CURTONI, Rafael, et al. **Análisis, interpretación y gestión en La arqueología de sudamérica**. Argentina: Série Teórica, n. 2 p. 297-312 2009.

SPEER, Albert. **Inside the Third Reich**. The Macmillan Company, 1970.

THOMAS, Julian. **Archaeology and Modernity**. London, New York: Routledge, 2004.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Editora Odysseus, 2011.

WULFF, Fernando; MARTÍ-AGUILAR, Manuel Alvarez. **Antigüedad y franquismo (1936-1975)**. Málaga: Diputación Provincial de Málaga, 2003.

DOCUMENTÁRIOS

Geffen, Anthony. "La verdadera historia de Franco y España documental".

https://www.youtube.com/watch?v=V5uU_FZKcqs.

Sem autor. "Franco en Salamanca". *Ministerio de Educación, Cultura y Deporte*:

<https://www.youtube.com/watch?v=FcWQLHlefCk>

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

Sem autor. «*El regreso de la Dama de Elche a España*. In: La Vanguardia, Hemeroteca». La Vanguardia [Espanha], 08 de fevereiro de 2011:
<http://www.lavanguardia.com/hemeroteca/20110208/54111406538/el-regreso-de-la-dama-de-elche-a-espana.html>

Recebido em: 25/03/2019

Publicado em: 30/06/2020